



OS BRIDGERTONS — 3

Julia Quinn

UM PERFEITO CAVALHEIRO



UM PERFEITO CAVALHEIRO



O ARQUEIRO

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.

OS BRIDGERTONS — 3

Julia Quinn

UM PERFEITO CAVALHEIRO



Título original: *An Offer from a Gentleman*
Copyright © 2001 por Julie Cotler Pottinger
Copyright da tradução © 2014 por Editora Arqueiro Ltda.
Publicado mediante acordo com a Harper Collins Publishers.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

tradução: Cássia Zanon
preparo de originais: Taís Monteiro
revisão: Clarissa Peixoto e Isabella Leal
diagramação: Ilustrarte Design e Produção Editorial
capa: Raul Fernandes
imagens de capa: casa: Latinstock/Atlantide Phototravel/Corbis;
mulher: Richard Jenkins
produção digital: SBNigri Artes e Textos Ltda.

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Q62u

Quinn, Julia

Um perfeito cavalheiro [recurso eletrônico] / Julia Quinn [tradução de Cássia Zanon]; São Paulo: Arqueiro, 2014.

recurso digital

Tradução de: An offer from a gentleman

Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-85-8041-239-0 (recurso eletrônico)

1. Romance histórico americano. 2. Livros eletrônicos. I. Zanon, Cássia, 1974-. II. Título.

13-
07151

CDD: 813
CDU: 821.111(73)-3

Todos os direitos reservados, no Brasil, por
Editora Arqueiro Ltda.
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br
www.editoraarqueiro.com.br

A temporada de 1815 está em pleno curso, e, embora fosse de esperar que todas as conversas seriam a respeito de Wellington e Waterloo, na verdade houve poucas mudanças em relação aos assuntos de 1814, que giraram em torno do eterno tema da sociedade – casamento.

Como sempre, as esperanças matrimoniais das debutantes estão centradas na família Bridgerton, mais especificamente no mais velho dos irmãos solteiros, Benedict. Ele pode não possuir um título, mas o rosto bonito, as formas agradáveis e o bolso cheio parecem compensar essa falha. De fato, em mais de uma ocasião esta autora ouviu uma mãe ambiciosa dizendo sobre a filha: “Ela vai se casar com um duque... ou com um Bridgerton.”

O Sr. Bridgerton, por sua vez, parece não ter qualquer interesse pelas jovens frequentadoras dos eventos sociais. Ele comparece a quase todas as festas, mas tudo o que faz é olhar para as portas, provavelmente esperando alguém especial.

Quem sabe...

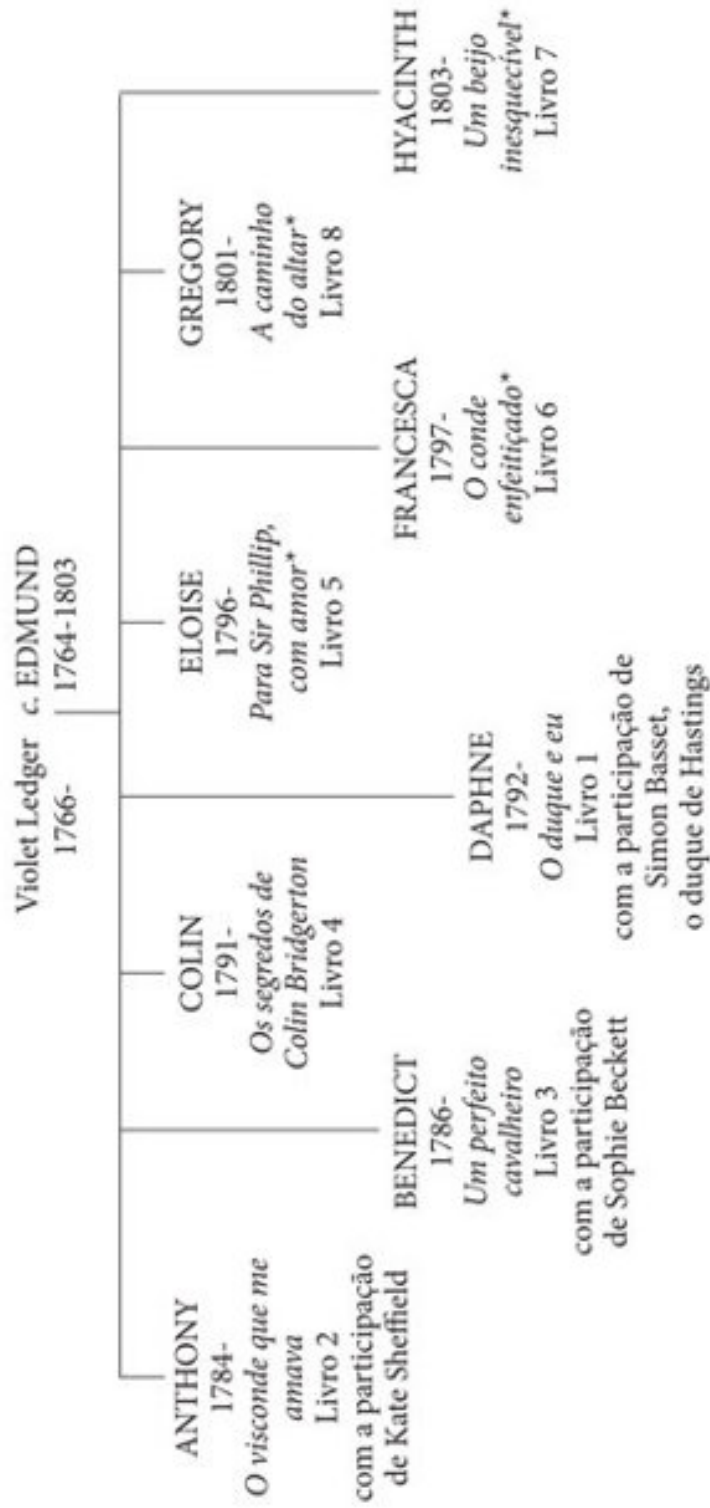
Uma noiva em potencial?

*CRÔNICAS DA SOCIEDADE DE LADY WHISTLEDOWN,
12 DE JULHO DE 1815*

Para Cheyenne,
e a lembrança de um verão de frappuccinos.

E também para Paul,
embora ele não veja nada de errado
em assistir a cirurgias cardíacas de peito aberto na TV
enquanto comemos espaguete.

ÁRVORE GENEALÓGICA DOS BRIDGERTONS



* Titulos provisórios

PRÓLOGO

Todo mundo sabia que Sophie Beckett era bastarda.

Todos os criados tinham consciência disso. Mas eles amavam a pequena menina. Tinham começado a amá-la desde que ela chegara a Penwood Park, aos 3 anos, uma trouxinha enrolada num casaco enorme, deixada nos degraus da entrada da casa numa noite chuvosa de julho. E, como a amavam, fingiam que ela era exatamente o que o sexto conde de Penwood dizia que ela era – a filha órfã de um velho amigo. Não importava que os olhos verde-musgo e os cabelos louro-escuros de Sophie fossem muito parecidos com os do conde, nem que o formato de seu rosto lembrasse de forma impressionante o da recém-falecida mãe do conde, ou que seu sorriso fosse uma réplica precisa do da irmã dele. Ninguém queria magoar a jovem – ou arriscar o emprego – fazendo esse tipo de observação.

O conde, um certo Richard Gunningworth, nunca falava sobre Sophie ou suas origens, mas devia saber que ela era sua filha bastarda. Ninguém tinha conhecimento do que estava escrito na carta que a governanta descobrira no bolso da menina quando ela fora encontrada naquela noite chuvosa. O conde queimara a correspondência alguns segundos depois de ler. Ficou observando o papel desaparecer nas chamas e então ordenou que preparassem um quarto para a criança na ala infantil. Foi onde ela permaneceu desde então. Ele a chamava de Sophia, e ela o chamava de “milorde”, e os dois se viam algumas vezes por ano, sempre que o conde vinha de Londres, o que não acontecia com muita frequência.

Mas – talvez o mais importante – Sophie tinha consciência de que era bastarda. Não tinha muita certeza de como sabia, só que sabia, e provavelmente soubera durante toda a sua vida. Tinha poucas lembranças anteriores à sua chegada a Penwood Park, mas se recordava de uma longa viagem de carruagem pela Inglaterra e também da avó, tossindo e arfando, parecendo muito magra, dizendo que ela ia morar com o pai. Mais do que

tudo, ela se lembrava de ter ficado parada nos degraus da entrada sob a chuva, sabendo que a avó estava escondida nos arbustos esperando para ver se a menina seria levada para dentro da casa.

O conde tocara no queixo da menininha, virara seu rosto para a luz e naquele momento os dois souberam a verdade.

Todo mundo sabia que Sophie era bastarda, ninguém falava sobre isso, e todos estavam bastante satisfeitos com essa situação.

Até que o conde decidiu se casar.

Sophie ficara muito satisfeita com a novidade. A governanta dissera que o mordomo dissera que a secretária do conde dissera que o conde planejava passar mais tempo em Penwood Park, agora que decidira ser um homem de família. Embora Sophie não sentisse exatamente falta do dono da casa quando ele não estava – era difícil sentir falta de alguém que não lhe dava muita atenção mesmo quando se encontrava no mesmo ambiente que ela –, a menina achava que *poderia* vir a sentir saudade dele se tivesse a oportunidade de conhecê-lo melhor, e que, se o conhecesse melhor, talvez ele não viajasse tanto. Além disso, a arrumadeira do andar de cima comentara que a governanta comentara que o mordomo dos vizinhos comentara que a pretendente do conde já tinha duas filhas mais ou menos da idade de Sophie.

Depois de sete anos sozinha na ala infantil, Sophie estava encantada. Ao contrário das outras crianças do distrito, ela nunca era convidada para festas e eventos locais. Ninguém nunca chegara a chamá-la de bastarda – o que seria o equivalente a chamar o conde de mentiroso, já que ele declarara que Sophie era sua pupila e depois nunca mais tornara a tocar no assunto. Mas, ao mesmo tempo, ele jamais fizera qualquer tentativa a sério de forçar que a aceitassem. Assim, aos 10 anos, os melhores amigos dela eram criadas e lacaios, e seus pais poderiam muito bem ser a governanta e o mordomo.

Mas agora ela ganharia irmãs de verdade.

Ah, ela sabia que não poderia chamá-las assim. Tinha consciência de que seria apresentada como Sophia Maria Beckett, a pupila do conde, mas elas *seriam como* irmãs. E era isso que importava de verdade.

Assim, numa tarde de fevereiro, Sophie esperava no grande saguão junto a toda a criadagem, espiando pela janela até que a carruagem do conde parasse na entrada da casa, trazendo a nova condessa e suas duas filhas. E, é claro, o conde.

– Será que ela vai gostar de mim? – sussurrou Sophie para a Sra. Gibbons, a governanta. – A esposa do conde, quero dizer.

– É claro que ela vai gostar de você, querida – respondeu baixinho a Sra. Gibbons.

Mas seu olhar não estava tão assertivo quanto seu tom de voz. A nova condessa poderia não gostar da presença da filha ilegítima do marido.

– E eu vou ter aulas com as filhas dela?

– Não há por que vocês terem aulas em separado.

Sophie assentiu com ar pensativo e começou a se contorcer quando viu a carruagem se aproximar.

– Eles chegaram – murmurou.

A Sra. Gibbons esticou o braço para acariciar sua cabeça, mas Sophie já havia corrido até a janela e praticamente colado o rosto ao vidro.

O conde desceu primeiro, então estendeu a mão e ajudou as duas meninhas a saltarem. Ambas vestiam casacos pretos iguais. Uma tinha um laço cor-de-rosa na cabeça e a outra, um amarelo. Então, depois que elas deram um passo para o lado, o conde ofereceu a mão à última pessoa a descer da carruagem.

Sophie prendeu a respiração enquanto esperava que a nova condessa aparecesse. Cruzou os dedinhos e sussurrou um único “Por favor” bem baixinho.

Por favor, faça com que ela me ame.

Talvez, se a condessa a amasse, o conde também sentisse o mesmo. E talvez, ainda que não a chamasse de filha, ele a tratasse como tal e então todos formariam uma família de verdade.

Enquanto Sophie observava pela janela, a nova condessa desceu da carruagem. Seus movimentos eram tão graciosos e puros que Sophie pensou na delicada cotovia que às vezes aparecia para tomar banho na fonte de pássaros do jardim. O chapéu dela inclusive era enfeitado por uma longa pluma azul-turquesa que reluzia sob o sol de inverno.

– Ela é linda – murmurou a menina.

Lançou um olhar rápido à Sra. Gibbons para avaliar a reação dela, mas a governanta estava muito concentrada, com os olhos fixos à frente, esperando que o conde entrasse na casa com a nova família para fazer as apresentações.

Sophie engoliu em seco, sem ter certeza de onde deveria ficar. Todos os demais pareciam ter um lugar designado. Os criados estavam alinhados de

acordo com a posição, do mordomo até a mais rasa faxineira. Até mesmo os cães se encontravam obedientemente sentados no canto, com as guias bem seguras pelo cuidador.

Mas Sophie não tinha raízes. Se fosse a filha real da casa, estaria parada com sua tutora, esperando pela nova condessa. Se fosse mesmo a pupila do conde, ficaria no mesmo lugar. Mas a Srta. Timmons havia pegado um resfriado e se recusara a deixar a ala infantil e descer. Nenhum dos criados acreditou nem por um instante que a tutora houvesse adoecido de verdade. Ela estava muito bem na noite anterior, mas ninguém a culpou pelo fingimento. Afinal, Sophie era a filha bastarda do conde, e ninguém queria ser a pessoa a fazer um insulto potencial à nova condessa apresentando-a à filha ilegítima do marido.

E a condessa teria de ser cega, burra ou as duas coisas para não se dar conta num instante de que Sophie não era apenas a pupila do conde.

De repente, dominada pela timidez, Sophie se encolheu num canto quando dois lacaios abriram as portas da frente com um floreio. As duas meninas entraram primeiro, e então foram para o lado enquanto o conde dava passagem para a condessa. Ele a apresentou, assim como as suas filhas, ao mordomo, que por sua vez as apresentou aos criados.

E Sophie esperou.

O mordomo apresentou os lacaios, o chef, a governanta, os cavaleiros.

E Sophie esperou.

Apresentou as criadas da cozinha, as criadas do andar de cima, as arrumadeiras.

E Sophie esperou.

Por fim o mordomo – que se chamava Rumsey – apresentou a criada de menor posição, uma arrumadeira chamada Dulcie, que havia sido contratada apenas uma semana antes. O conde fez um aceno de cabeça, murmurou um agradecimento, e Sophie ainda esperava, sem ter a menor ideia do que fazer.

Então ela pigarreou e deu um passo à frente, com um sorriso de nervosismo. Ela não passava muito tempo com o conde, mas era levada à sua presença toda vez que ele visitava Penwood Park e ele sempre lhe dava alguns minutos de seu tempo, perguntando-lhe sobre as lições antes de despachá-la de volta à ala infantil.

Ele com certeza ainda iria querer saber como iam seus estudos, mesmo agora que estava casado. Com certeza iria querer saber que ela havia aprendido a multiplicar frações e que a Srta. Timmons dissera, havia pouco tempo, que sua pronúncia em francês era “perfeita”.

Mas ele estava ocupado dizendo alguma coisa às filhas da condessa e não a escutou. Sophie pigarreou mais uma vez, agora mais alto, e disse, numa voz que saiu um pouco mais esganiçada do que ela pretendia:

– Milorde?

O conde se virou.

– Ah, Sophia – murmurou. – Eu não vi que você estava aqui.

A menina ficou radiante. Ele não a ignorara, afinal.

– E quem vem a ser esta? – perguntou a condessa, dando um passo para a frente a fim de observá-la melhor.

– É minha pupila – respondeu o conde. – Srta. Sophia Beckett.

A condessa encarou Sophie e a avaliou. Então, estreitou os olhos.

E estreitou mais um pouco.

E um pouco mais.

– Entendo – disse ela.

Nesse momento, todos os que estavam na sala souberam que ela entendia *mesmo*.

– Rosamund, Posy – chamou a condessa, virando-se para as filhas –, venham aqui.

As duas foram no mesmo instante para o lado da mãe. Sophie arriscou dar um sorriso para elas. A menorzinha retribuiu, porém a mais velha, que tinha os cabelos cor de ouro, entendeu a deixa da mãe, empinou o nariz e olhou com firmeza para o outro lado.

Sophie engoliu em seco e sorriu de novo para a menina amistosa, mas desta vez ela mordeu o lábio inferior, indecisa, e olhou para baixo.

A condessa se virou de costas para Sophie e disse ao conde:

– Imagino que tenha mandado preparar quartos para Rosamund e Posy.

Ele assentiu.

– Na ala infantil. Bem ao lado de Sophie.

Houve um longo silêncio e então a condessa deve ter decidido que algumas batalhas não deveriam ser travadas na frente dos criados, porque tudo o que retrucou foi:

– Eu gostaria de subir agora.

E saiu, levando o conde e as filhas com ela.

Sophie observou a nova família subindo a escada e, quando eles desapareceram, se virou para a Sra. Gibbons e perguntou:

– Você acha que eu devo ir junto para ajudar? Eu poderia mostrar a ala infantil para as meninas.

A Sra. Gibbons balançou a cabeça.

– Elas parecem cansadas – mentiu. – Tenho certeza de que precisam de um cochilo.

Sophie franziu a testa. Tinham lhe dito que Rosamund tinha 11 anos, e Posy, 10. Elas com certeza estavam um pouco velhas demais para cochilarem durante o dia.

A Sra. Gibbons deu alguns tapinhas em suas costas.

– Por que não vem comigo? Um pouco de companhia me faria bem, e a cozinheira me contou que acabou de preparar uma fornada de biscoitos amanteigados. Acho que ainda estão quentinhos.

Sophie assentiu e a seguiu. Teria bastante tempo para conhecer as duas meninas naquela noite. Ela lhes apresentaria a ala infantil, então as três se tornariam amigas e logo seriam como irmãs.

A menina sorriu. Seria maravilhoso ter irmãs.



Acontece que Sophie não viu mais Rosamund e Posy – nem o conde e a condessa – até o dia seguinte. Quando entrou na ala infantil para jantar, percebeu que a mesa havia sido posta para dois, não para quatro, e a Srta. Timmons (que havia, como por milagre, se recuperado do mal-estar) disse que a nova condessa lhe informara que as filhas estavam cansadas demais da viagem para comer naquela noite.

Mas as meninas precisavam ter aulas. Assim, na manhã seguinte, chegaram à ala infantil, seguindo logo atrás da condessa. Sophie já estava fazendo suas atividades havia uma hora e levantou o olhar da lição de aritmética cheia de interesse. Desta vez, não sorriu para as duas. De alguma maneira, parecia melhor não fazer isso.

– Srta. Timmons – falou a condessa.

A tutora fez um aceno de cabeça e murmurou:

- Milady.
- O conde me disse que você ensinará minhas filhas.
- Farei o melhor possível, milady.

A condessa fez um sinal para a menina mais velha, a de cabelos dourados e olhos azuis. Sophie pensou que ela era tão bonita quanto a boneca de porcelana que o conde havia mandado de Londres para seu aniversário de 7 anos.

– Esta é Rosamund – apresentou a condessa. Ela tem 11 anos. E esta – continuou, fazendo um gesto em direção à outra menina, que não havia tirado os olhos dos sapatos – é Posy. Ela tem 10.

Sophie fitou Posy com muito interesse. Ao contrário da mãe e da irmã, ela tinha os cabelos e os olhos muito escuros e o rosto um pouco rechonchudo.

- Sophie também tem 10 anos – comentou a Srta. Timmons.

A condessa apertou os lábios.

- Eu gostaria que você mostrasse a casa e o jardim às meninas.

A Srta. Timmons assentiu.

- Muito bem. Sophie, deixe sua lousa aí. Poderemos retornar à aritmética...

– Apenas às *minhas* meninas – interrompeu a condessa, com a voz de certa forma quente e fria ao mesmo tempo. – Quero falar com Sophie a sós.

Sophie engoliu em seco e tentou olhar a condessa nos olhos, mas não conseguiu passar do queixo. Enquanto a Srta. Timmons se retirava com Rosamund e Posy, ela se levantou, aguardando as próximas orientações da nova esposa do pai.

– Eu sei quem você é – começou a condessa no instante em que a porta se fechou.

- M-milady?

- Você é a filha bastarda dele, e não tente negar.

Sophie não respondeu. Era verdade, é claro, mas ninguém jamais dissera aquilo em voz alta. Pelo menos não diretamente a ela.

A condessa segurou o queixo de Sophie, apertou e puxou até que a menina foi forçada a fitá-la nos olhos.

– Escute o que vou dizer – continuou ela em tom ameaçador. – Você pode viver aqui em Penwood Park e pode ter aulas com minhas filhas, mas não passa de uma bastarda, e é tudo o que será. Nunca, *nunca*, cometa o erro de pensar que é tão boa quanto o resto de nós.

Sophie soltou um pequeno gemido. As unhas da condessa estavam machucando a parte de baixo de seu queixo.

– Meu marido – prosseguiu a mulher – sente uma espécie de dever equivocado em relação a você. É admirável da parte dele assumir os próprios erros, mas para mim é um insulto tê-la em minha casa, alimentada, vestida e educada como se fosse sua filha de verdade.

Mas ela era filha dele de verdade. E aquela casa era dela muito antes de ser da condessa.

De forma abrupta, a mulher soltou o queixo de Sophie.

– Eu não quero vê-la – sibilou ela. – Você nunca deve falar comigo e deve tratar de nunca estar perto de mim. Além disso, não deve falar com Rosamund e Posy fora das aulas. Elas são as filhas da casa agora, e não devem ser obrigadas a conviver com pessoas da sua laia. Você tem alguma pergunta?

Sophie balançou a cabeça em negativa.

– Ótimo.

Com isso, ela saiu da sala, deixando a menina de pernas bambas e lábios trêmulos.

E os olhos cheios d'água.



Com o tempo, Sophie aprendeu um pouco mais sobre sua precária posição na casa. Os criados sempre sabiam de tudo, e tudo acabava chegando aos ouvidos da menina.

A condessa, cujo nome de batismo era Araminta, insistira naquele primeiro dia que Sophie fosse retirada da casa. O conde se recusara. A mulher não precisava amar Sophie, ele dissera com frieza. Não era obrigada sequer a gostar dela. Mas teria de suportá-la. Ele havia reconhecido sua responsabilidade para com ela durante sete anos e não iria mudar agora.

Rosamund e Posy obedeceram às ordens da mãe e passaram a tratar Sophie com hostilidade e desdém, embora o coração de Posy claramente não fosse afeito à tortura e à crueldade como o de Rosamund. Esta última adorava beliscar a parte de cima da mão de Sophie quando a Srta. Timmons não estava olhando. Sophie nunca dizia nada. Duvidava que a Srta. Timmons

fosse ter coragem de repreender a menina (que com certeza iria correndo até Araminta com alguma história mentirosa), e se alguém percebia que as mãos de Sophie estavam sempre cheias de hematomas, ninguém jamais dissera nada.

Posy às vezes demonstrava alguma bondade, embora com muita frequência apenas suspirasse e dissesse:

– Mamãe mandou que não fôssemos simpáticas com você.

Quanto ao conde, ele nunca intervinha.

A vida de Sophie continuou assim por quatro anos, até que o conde surpreendeu a todos ao levar a mão ao peito enquanto tomava chá no jardim de rosas, arfar com força e cair com o rosto no piso de pedras.

Ele nunca mais recuperou a consciência.

Todos ficaram bastante chocados. O conde tinha apenas 40 anos. Quem poderia saber que seu coração pararia em tão tenra idade? Ninguém ficou mais perplexo do que Araminta, que vinha tentando desesperadamente, desde a noite de núpcias, conceber o indispensável herdeiro.

– Talvez eu esteja esperando um bebê! – apressou-se a dizer aos advogados do conde. – Vocês não podem entregar o título a algum primo distante. Posso muito bem estar grávida.

Mas não estava, e quando o testamento do conde foi lido, um mês depois (os advogados quiseram dar à condessa tempo suficiente para saber ao certo se estava grávida), Araminta foi forçada a se sentar ao lado do novo conde, um jovem bastante desregrado que passava mais tempo bêbado do que sóbrio.

A maioria dos desejos do conde eram justos e tradicionais. Ele deixou legados a criados leais. Estabeleceu fundos para Rosamund, Posy e até mesmo Sophie, garantindo que todas as três tivessem dotes respeitáveis.

E então o advogado que lia a testamento chegou ao nome de Araminta:

– “À minha esposa, Araminta Gunningworth, condessa de Penwood, deixo uma renda anual de duas mil libras...”

– Só isso? – gritou a mulher.

– “... a menos que ela concorde em abrigar e cuidar de minha pupila, a Srta. Sophia Maria Beckett, até que esta chegue aos 20 anos. Neste caso, sua renda anual deverá ser triplicada para seis mil libras.”

– Eu não a quero – murmurou Araminta.

– A senhora não precisa ficar com ela – lembrou-lhe o advogado. – Pode...

– Viver com míseros dois mil por ano? – explodiu ela. – Acho que não.

O advogado, que vivia com bem menos do que dois mil por ano, não disse nada.

O novo conde, que não parara de beber ao longo da reunião, apenas deu de ombros.

Araminta se levantou.

– Qual é sua decisão? – perguntou o advogado.

– Eu fico com ela – retrucou a condessa em voz baixa.

– Devo procurar a menina e contar a ela?

Araminta balançou a cabeça.

– Eu mesma faço isso.

Mas, quando ela encontrou Sophie, deixou de fora alguns fatos importantes...

PARTE 1



CAPÍTULO 1

O convite mais desejado deste ano só pode ser o do baile de máscaras dos Bridgertons, a ser realizado na próxima segunda-feira. De fato, não é possível dar dois passos sem ser obrigado a ouvir alguma mãe da sociedade especulando sobre quem estará presente e, talvez ainda mais importante, quem vestirá o quê.

Nenhum dos tópicos mencionados acima, no entanto, é nem de longe tão interessante quanto os dois irmãos Bridgertons solteiros, Benedict e Colin. (Antes que alguém diga que há um terceiro, esta autora pode assegurar que tem plena consciência da existência de Gregory Bridgerton. Ele, no entanto, tem 14 anos e, portanto, não é pertinente a esta coluna em particular, que trata, como todas as outras, do mais sagrado dos esportes: a caça a maridos.)

Embora os Srs. Bridgertons sejam apenas isto – apenas senhores –, ainda são considerados dois dos melhores partidos da temporada. É de conhecimento geral que ambos são donos de respeitáveis fortunas, e não é necessário ter a visão perfeita para saber que também possuem, assim como todos os outros irmãos, a beleza da família.

Será que alguma jovem afortunada usará o mistério de uma noite de máscaras para fisgar um dos cobiçados solteiros?

Esta autora não tentará sequer especular.

CRÔNICAS DA SOCIEDADE DE LADY WHISTLEDOWN,
31 DE MAIO DE 1815

– Sophie! Sophieeeeeeeeeeeeeee!

No que dizia respeito a guinchos, aquele seria suficiente para espatifar vidraças. Ou pelo menos um tímpano.

– Estou indo, Rosamund! Estou indo!

Sophie levantou as barras de sua saia de lã crua e correu escada acima, escorregando no quarto degrau e mal conseguindo se segurar no corrimão antes de cair sentada. Ela deveria ter se lembrado de que a escadaria estaria escorregadia, já que havia ajudado a arrumadeira do andar de baixo a encerá-la naquela manhã.

Ao parar diante da porta do quarto de Rosamund, ainda tentando recuperar o fôlego, Sophie disse:

– Pois não?

– Meu chá está frio.

O que Sophie queria responder era “Estava quente quando eu o trouxe para você há uma hora, sua grosseirona preguiçosa”, mas o que falou foi:

– Trarei outro bule.

Rosamund bufou.

– É melhor mesmo.

Sophie esticou os lábios no que só uma pessoa quase cega poderia chamar de sorriso e recolheu o serviço de chá.

– Deixo os biscoitos? – perguntou.

Rosamund balançou a bela cabeça.

– Quero biscoitos frescos.

Com os ombros um pouco arqueados pelo peso da bandeja, Sophie saiu do quarto, tomando cuidado para não começar a resmungar antes de chegar ao corredor. Rosamund estava sempre pedindo chá, sem se preocupar em tomá-lo até ter passado uma hora. Nesse momento, é claro, o chá já tinha esfriado, e então ela pedia outro bule.

Isso significava que Sophie não parava de subir e descer as escadas. Às vezes, parecia que era tudo o que ela fazia da vida.

Para cima e para baixo, para cima e para baixo.

E tinha, é claro, os remendos para fazer, as roupas para passar, os cabelos a pentear, os sapatos para polir, as peças para costurar, as camas para arrumar...

– Sophie!

Quando ela se virou, viu Posy indo em sua direção.

– Sophie, eu queria saber se você acha que esta cor fica bem em mim.

Sophie avaliou a fantasia de sereia de Posy. O corte não a favorecia muito – ela nunca perdera toda a sua gordurinha de infância –, mas a cor destacava muito bem a sua pele.

– É um tom muito bonito de verde – respondeu ela com toda sinceridade.
– Deixa as suas bochechas bem rosadas.

– Ah, ótimo. Que bom que você gostou. Você leva jeito para escolher minhas roupas. – Posy sorriu e estendeu o braço para pegar um biscoito açucarado da bandeja. – Mamãe está me perturbando a semana inteira com esse baile de máscaras, e sei que não vai parar enquanto eu não estiver com a melhor aparência possível. Ou – a menina contorceu o rosto numa careta – até ela *achar* que eu estou com a melhor aparência possível. Ela está determinada a fazer com que uma de nós fogue um dos últimos irmãos Bridgertons, sabia?

– Eu sei.

– E, para piorar as coisas, aquela tal Whistledown anda escrevendo sobre eles de novo. E isso – Posy terminou de mastigar o biscoito e fez uma pausa para engolir – só aumenta o apetite de mamãe.

– A coluna de hoje estava boa? – perguntou Sophie, apoiando a bandeja no quadril. – Ainda não consegui ler.

– Ah, o de sempre – disse Posy com um aceno de mão. – Na verdade, ela às vezes pode ser bastante maçante, sabe?

Sophie tentou sorrir, mas não conseguiu. Não havia nada que ela gostaria mais do que viver um dia da rotina maçante de Posy. Bem, talvez não fosse querer Araminta como mãe, mas não se importaria de ter um cotidiano de festas, jantares e saraus.

– Vamos ver – considerou Posy. – Havia uma resenha do recente baile de Lady Worth, um pouco sobre o visconde de Guelph, que parece estar bastante impressionado com uma moça escocesa, e um texto mais longo sobre o próximo baile de máscaras dos Bridgertons.

Sophie suspirou. Vinha lendo sobre o próximo baile de máscaras havia semanas, e embora não passasse de uma camareira (e às vezes arrumadeira também, sempre que Araminta decidia que seu trabalho não estava pesado o suficiente), não conseguia evitar o desejo de ir ao baile.

– Eu, por exemplo, vou adorar se aquele visconde de Guelph ficar noivo – observou Posy, pegando outro biscoito. – Será um solteiro a menos sobre o qual mamãe vai ficar falando sem parar como um marido potencial. Não que eu tenha qualquer esperança de atrair a atenção dele, de qualquer maneira. – Ela deu uma mordida ruidosa no biscoito. – Espero que Lady Whistledown esteja certa a seu respeito.

– É provável que sim – retrucou Sophie.

Ela lia as crônicas de Lady Whistledown desde sua primeira edição, em 1813, e a colunista estava quase sempre correta quando se tratava de questões do mercado de casamentos.

Não que Sophie algum dia fosse ter a chance de ver com os próprios olhos o mercado de casamentos, é claro. Mas quem lia a coluna de Lady Whistledown com frequência suficiente quase podia se sentir parte da sociedade de Londres sem de fato ter ido a qualquer um dos bailes.

Na realidade, acompanhar seus textos era um dos passatempos verdadeiramente divertidos de Sophie. Ela já lera todos os romances da biblioteca, e como nem Araminta, nem Rosamund ou Posy gostavam muito de ler, Sophie não podia esperar que um livro novo entrasse naquela casa.

Mas o *Whistledown* era muito divertido. Ninguém conhecia a identidade real da colunista. Quando o jornal estreara, dois anos antes, as especulações começaram a se difundir. Mesmo agora, sempre que a autora publicava alguma fofoca particularmente interessante, as pessoas começavam a falar e a fazer apostas de novo, imaginando quem, afinal, era capaz de informar com tamanha velocidade e precisão.

E, para Sophie, o *Whistledown* era um vislumbre irresistível do mundo que poderia ter sido dela se seus pais tivessem chegado a legalizar sua união. Ela teria sido a filha, não a bastarda, de um conde. Seu sobrenome seria Gunningworth em vez de Beckett.

Apenas uma vez, ela gostaria de ser a dama a entrar numa carruagem para ir a um baile.

Em vez disso, ela era quem vestia outras jovens para as noites na cidade – apertando o corpete de Posy, arrumando os cabelos de Rosamund ou limpando um par de sapatos de Araminta.

Mas Sophie não podia – ou pelo menos não devia – reclamar. Sim, ela era criada de Araminta e suas filhas, mas pelo menos tinha uma casa. Que era mais do que a maioria das meninas em sua posição tinha.

Quando seu pai morrera, não deixara nada para ela. Bem, nada além de um teto sobre sua cabeça. Seu testamento garantira que ela não poderia ser mandada embora antes de completar 20 anos. Não havia qualquer possibilidade de Araminta abrir mão de quatro mil libras por ano expulsando Sophie.

Mas aquelas quatro mil libras eram de sua madrasta, não dela, e Sophie não vira um centavo dessa quantia. Não tinha mais as roupas de qualidade que costumava vestir – elas tinham sido substituídas pela lã crua dos criados. E ela comia o mesmo que as demais empregadas – qualquer coisa que Araminta, Rosamund e Posy deixassem sobrar.

O aniversário de 20 anos de Sophie, no entanto, fora quase um ano antes, e ali estava ela, ainda morando na Casa Penwood, ainda servindo Araminta de todas as maneiras possíveis. Por algum motivo desconhecido – provavelmente por não querer treinar (ou pagar) uma nova empregada –, Araminta permitira que Sophie permanecesse em sua casa.

E a menina havia ficado. Enquanto a madrasta era um demônio que ela conhecia, o resto do mundo era um demônio desconhecido. E Sophie não fazia ideia de qual seria pior.

– Essa bandeja não está pesada?

Sophie piscou para sair do mundo dos sonhos e se concentrou em Posy, que pegava o último biscoito da bandeja. Droga. Ela queria guardá-lo para si.

– Está – murmurou. – Bastante. Eu realmente deveria levá-la para a cozinha.

Posy sorriu.

– Não vou mais atrapalhá-la, mas depois que terminar você poderia passar meu vestido cor-de-rosa? Vou colocá-lo hoje à noite. Ah, imagino que os sapatos que combinam com ele também precisem ser aprontados. Ficaram um pouco sujos da última vez que os usei, e você sabe como mamãe é em relação a calçados. Não importa que não dê para vê-los embaixo do vestido. Ela conseguirá perceber a menor partícula de sujeira no instante em que eu levantar a barra para subir uma escada.

Sophie assentiu, acrescentando mentalmente os pedidos de Posy à lista diária de tarefas.

– Então nos vemos mais tarde!

Mordendo o último biscoito, Posy se virou e desapareceu para dentro do quarto.

E Sophie desceu para a cozinha.



Alguns dias depois, Sophie estava de joelhos, segurando alfinetes entre os dentes enquanto fazia modificações de última hora na fantasia de Araminta para o baile de máscaras. O vestido de rainha Elizabeth havia, é claro, sido entregue perfeito pela costureira, mas Araminta insistia que estava meio centímetro largo demais na cintura.

– Assim está bom? – perguntou Sophie, falando entre dentes para os alfinetes não caírem.

– Apertado demais.

Sophie ajustou alguns alfinetes.

– E agora?

– Folgado demais.

Sophie tirou um alfinete e o enfiou exatamente no mesmo lugar.

– Pronto. E agora?

Araminta se virou para um lado e outro e então enfim declarou:

– Assim está bom.

Sophie sorriu ao se levantar para ajudar a madrastra a tirar o vestido.

– Preciso dele pronto em uma hora para não me atrasar para o baile – decretou Araminta.

– É claro – murmurou Sophie.

Achava mais fácil apenas dizer “é claro” regularmente em conversas com a mulher.

– Esse baile é muito importante – observou Araminta. – Rosamund precisa fazer um bom casamento este ano. O novo conde... – Ela estremeceu de desgosto. Ainda considerava o atual dono do título um intruso, sem se importar com o fato de ele ser o parente homem vivo mais próximo de seu falecido marido. – Bem, ele me disse que este é o último ano que poderemos usar a Casa Penwood. Que sujeito audacioso! Eu sou a condessa viúva, afinal, e Rosamund e Posy são as filhas do conde.

Enteadas, Sophie corrigiu em pensamento.

– Nós temos todo o direito de usar a propriedade para a temporada. Não faço ideia do que ele planeja fazer com a casa.

– Talvez queira participar da temporada para procurar uma esposa – sugeriu Sophie. – Tenho certeza de que ele deve querer um herdeiro.

Araminta fez uma careta.

– Se Rosamund não se casar com alguém de posses, não sei o que vamos fazer. É muito difícil encontrar uma boa casa para alugar. E muito caro,

também.

Sophie se absteve de comentar que pelo menos Araminta não precisava pagar por uma camareira. Na verdade, até a menina fazer 20 anos, ela recebia quatro mil libras por ano apenas para *ter* uma camareira.

A mulher estalou os dedos.

– Não se esqueça de empoar os cabelos de Rosamund.

A filha mais velha iria ao baile vestida de Maria Antonieta. Sophie perguntara se ela planejava pôr um colar de sangue falso no pescoço, mas a jovem não achara graça.

Araminta vestiu o penhoar e amarrou a faixa com movimentos rápidos e precisos.

– E Posy – continuou, franzindo o nariz. – Bem, tenho certeza de que ela precisará da sua ajuda de alguma maneira.

– Eu sempre gosto de ajudar Posy – retrucou Sophie.

Araminta estreitou os olhos enquanto tentava decidir se a enteada estava sendo insolente.

– Apenas ajude – disse ela, afinal, enfatizando cada sílaba.

Então saiu a caminho da sala de banho.

Sophie agradeceu em silêncio quando a porta se fechou atrás dela.

– Ah, aí está você, Sophie – disse Rosamund ao irromper no quarto. – Preciso de você *agora*.

– É uma pena, mas antes preciso...

– Eu disse agora! – gritou a outra.

Sophie endireitou os ombros e lançou um olhar duro para a garota.

– Sua mãe quer que eu apronte o vestido dela.

– Apenas arranque os alfinetes e diga que o ajustou. Ela nunca vai notar a diferença.

Sophie estava pensando a mesma coisa, e suspirou. Se seguisse a sugestão de Rosamund, no dia seguinte ela a deduraria, e então a madrasta iria reclamar por uma semana. Agora ela definitivamente teria de fazer o ajuste.

– Do que você precisa, Rosamund?

– Tem um rasgo na barra da minha fantasia. Não faço ideia de como isso aconteceu.

– Talvez quando você a experimentou...

– Não seja impertinente!

Sophie se calou. Era muito mais difícil receber ordens de Rosamund do que de Araminta, provavelmente por elas terem sido iguais um dia, dividindo a mesma sala de aula e a mesma tutora.

– Quero que você o conserte agora – exigiu Rosamund empinando o nariz de modo afetado.

Sophie suspirou.

– Traga a fantasia para mim. Eu a consertarei assim que terminar de ajustar o vestido da sua mãe. Prometo que você a terá de volta com bastante antecedência.

– Eu me nego a chegar atrasada a esse baile – avisou Rosamund. – Se isso acontecer, vou querer *sua* cabeça numa bandeja.

– Você não vai se atrasar – prometeu Sophie.

Rosamund bufou com arrogância e passou apressada pela porta para buscar a fantasia.

– Uuuuf!

Sophie ergueu o olhar e viu Rosamund dando um encontrão em Posy, que entrava correndo no cômodo.

– Olhe por onde anda, Posy! – gritou a mais velha.

– Você também poderia olhar por onde anda – observou a caçula.

– Eu *estava* olhando. É impossível sair do seu caminho, sua desastrada.

O rosto de Posy ficou completamente vermelho e ela deu um passo para o lado.

– Precisa de alguma coisa, Posy? – perguntou Sophie assim que Rosamund desapareceu.

A menina assentiu.

– Você poderia reservar um tempinho para arrumar meus cabelos hoje? Encontrei umas fitas verdes que lembram algas marinhas.

Sophie deu um longo suspiro. As fitas verde-escuras não iriam se destacar muito nos cabelos escuros de Posy, mas ela não teve coragem de falar isso.

– Vou tentar, Posy, mas preciso consertar o vestido de Rosamund e ajustar o da sua mãe.

– Ah.

A jovem ficou abatida, o que quase partiu o coração de Sophie. Posy era a única pessoa a ser pelo menos um pouco gentil com ela naquela casa, à exceção dos criados.

– Não se preocupe – tranquilizou ela. – Vou deixar seus cabelos lindos, não importa quanto tempo tenhamos.

– Ah, obrigada, Sophie! Eu...

– Você ainda não começou a ajustar meu vestido? – trovejou Araminta quando voltou da sala de banho.

Sophie engoliu em seco.

– Eu estava falando com Rosamund e Posy. Rosamund rasgou a barra do vestido e...

– Comece a trabalhar logo!

– Vou começar. Imediatamente. – Sophie se atirou no sofá e virou o vestido do avesso para poder ajustar a cintura. – Mais rápido do que imediatamente. Mais rápido do que as asas de um beija-flor. Mais rápido do que...

– O que você está falando? – perguntou Araminta.

– Nada.

– Bem, pois pare de tagarelar. O som da sua voz é muito irritante.

Sophie rangeu os dentes.

– Mamãe – chamou Posy. – Sophie vai arrumar meus cabelos hoje como...

– É claro que ela vai arrumar os seus cabelos. Pare de perder tempo e vá agora mesmo fazer compressas nos olhos para que eles não pareçam tão inchados.

Posy fez uma expressão triste.

– Meus olhos estão inchados?

Sophie balançou a cabeça para a remota chance de Posy decidir olhar para ela.

– Seus olhos estão sempre inchados – retrucou Araminta. – Você não acha, Rosamund?

Tanto Posy quanto Sophie se viraram na direção da porta. Rosamund acabara de entrar no cômodo, levando seu vestido de Maria Antonieta.

– Acho – concordou ela. – Mas tenho certeza de que uma compressa vai ajudar.

– Você está linda hoje – disse Araminta a Rosamund. – E ainda nem começou a se arrumar. O dourado do seu vestido combina perfeitamente com os seus cabelos.

Sophie lançou um olhar solidário para a morena Posy, que nunca recebia esse tipo de elogio da mãe.

– Você vai fisgar um daqueles irmãos Bridgertons – continuou Araminta. – Tenho certeza disso.

Rosamund baixou o olhar com uma modéstia afetada. Era uma expressão que ela havia aperfeiçoado, e Sophie tinha que admitir que lhe caía muito bem. Mas também quase tudo caía como uma luva em Rosamund. Os cabelos dourados e os olhos azuis eram a última moda naquele ano, e, graças ao generoso dote estabelecido para ela pelo finado conde, muitos acreditavam que faria um excelente casamento antes do final da temporada.

Sophie olhou de novo para Posy, que encarava a mãe com uma expressão triste e melancólica.

– Você está muito bonita também, Posy – elogiou Sophie em um impulso.

Os olhos da menina se iluminaram.

– Você acha?

– Claro que acho. E seu vestido é muito original. Tenho certeza de que não haverá mais nenhuma sereia.

– Como você poderia saber disso, Sophie? – indagou Rosamund, dando uma risada. – Você nunca foi a nenhum evento da alta sociedade.

– Estou certa de que você vai se divertir, Posy – enfatizou Sophie, ignorando a ladainha de Rosamund. – Tenho inveja de você. Gostaria de também poder ir.

O suspiro e o desejo de Sophie foram recebidos com absoluto silêncio... seguido pela gargalhada rouca de Araminta e Rosamund. Até mesmo Posy deu uma risadinha.

– Ah, que ótimo – retrucou Araminta, mal conseguindo recuperar o fôlego. – A pequena Sophie no baile dos Bridgertons. Eles não aceitam bastardas nos eventos da sociedade, sabia?

– Eu não falei que esperava ir – disse Sophie, na defensiva. – Só comentei que gostaria de *poder* ir.

– Bem, você não deveria sequer se dar esse trabalho – acrescentou Rosamund. – Se desejar coisas que não pode nem ao menos esperar realizar, acabará sempre decepcionada.

Mas Sophie não deu atenção ao que Rosamund dizia, porque, naquele momento, algo muito estranho aconteceu. Quando estava se virando para a mais velha das duas irmãs, ela viu a Sra. Gibbons parada na porta. A governanta viera da casa de campo de Penwood Park assim que a

governanta da propriedade de Londres falecera. Quando o olhar de Sophie cruzou com o dela, a mulher deu uma piscadela.

Uma piscadela!

Sophie não achava que algum dia tinha visto a Sra. Gibbons dar uma piscadela.

– Sophie! Sophie! Você está me ouvindo?

Sophie virou-se com o olhar distraído para Araminta.

– Desculpe – respondeu. – O que você estava dizendo?

– Eu estava dizendo – continuou a mulher com uma voz desagradável – que é melhor você começar a trabalhar no meu vestido neste instante. Se nos atrasarmos para o baile, *você* responderá por isso amanhã.

– Sim, é claro – retrucou Sophie rapidamente.

Enfiou a agulha no tecido e começou a costurar, mas ainda estava pensando na Sra. Gibbons.

Uma piscadela?

Por que ela lhe daria uma piscadela?



Três horas depois, Sophie estava parada na entrada da Casa Penwood, observando primeiro Araminta, em seguida Rosamund e logo após Posy segurarem a mão do laçao e subirem na carruagem. Sophie acenou para a mais nova, que retribuiu o cumprimento, e então ficou vendo o veículo seguir pela rua e desaparecer na esquina. A Casa Bridgerton, onde o baile de máscaras ia ser realizado, ficava a apenas seis quarteirões, mas Araminta teria insistido na carruagem mesmo que morasse ao lado da propriedade.

Afinal de contas, era importante fazer uma entrada triunfal.

Com um suspiro, Sophie se virou e voltou para dentro de casa. Pelo menos, na empolgação do momento, Araminta se esquecera de lhe deixar uma lista de tarefas para serem realizadas em sua ausência. Uma noite livre era um verdadeiro luxo. Talvez ela relesse algum romance. Ou talvez conseguisse achar a edição do dia do *Whistledown*. Tinha a impressão de ter visto Rosamund levá-la para o quarto no começo daquela tarde.

Mas, no instante em que passou pela porta de entrada da Casa Penwood, a Sra. Gibbons se materializou do nada e agarrou seu braço.

– Não há tempo a perder! – disse a governanta.

Sophie olhou para ela como se a mulher tivesse ficado louca.

– Como?

A Sra. Gibbons puxou-a pelo cotovelo.

– Venha comigo.

Sophie se deixou ser arrastada por três andares acima até seu quarto, uma pequena alcova enfiada embaixo das calhas do telhado. A Sra. Gibbons estava agindo de forma bastante estranha, mas Sophie a obedeceu e a seguiu. A governanta sempre a tratara com uma bondade excepcional, até mesmo quando ficara claro que Araminta não aprovava isso.

– Você precisa tirar a roupa – falou a Sra. Gibbons ao girar a maçaneta.

– *O quê?*

– Nós precisamos correr.

– Sra. Gibbons, a senhora...

Ao ver a cena montada em seu quarto, Sophie ficou boquiaberta e as palavras se perderam antes que ela concluísse a frase. Uma banheira de água fumegante estava bem no meio do cômodo e as três arrumadeiras andavam de um lado para outro. Uma delas enchia a banheira com uma jarra d'água, outra mexia na fechadura de um baú de aparência misteriosa e a terceira segurava uma toalha e dizia:

– Rápido! Rápido!

Sophie olhou perplexa para elas.

– O que está acontecendo?

A Sra. Gibbons se virou para ela e explicou, radiante:

– Você, Srta. Sophia Maria Beckett, vai ao baile de máscaras!



Uma hora depois, Sophie estava transformada. O baú continha vestidos que haviam pertencido à finada mãe do conde. Todos eram de cerca de 50 anos atrás, mas isso não importava. A festa era um baile de máscaras, logo, ninguém esperaria que os trajes fossem os mais modernos.

No fundo da arca, encontraram uma linda criação prateada cheia de brilhos, com um corpete justo e incrustado de pérolas e saias largas que tinham sido muito populares no século anterior. Sophie se sentiu uma

princesa só de tocar nela. Cheirava um pouco a mofo, por causa dos anos passados ali dentro, então uma das criadas o levou rapidamente para fora a fim de borrifar um pouco de água de rosas sobre o tecido e deixá-lo arejar.

As criadas a banharam e perfumaram, pentearam-lhe os cabelos, e uma das arrumadeiras inclusive aplicou um toque de ruge em seus lábios.

– Não conte à Srta. Rosamund – sussurrou ela. – Eu peguei da coleção em seu quarto.

– Aaaaah, veja – disse a Sra. Gibbons. – Encontrei luvas combinando.

Sophie ergueu o olhar e viu a governanta segurando um par de luvas até os cotovelos.

– Olhe – comentou ela, pegando uma das luvas da mão da Sra. Gibbons e a examinando. – O brasão de Penwood. E tem um monograma bem na bainha.

A Sra. Gibbons virou a que estava segurando.

– SLG. Sarah Louisa Gunningworth. Sua avó.

Sophie encarou-a, surpresa. A Sra. Gibbons nunca havia se referido ao conde como pai dela. Ninguém em Penwood Park jamais admitira em voz alta os laços de sangue de Sophie com a família Gunningworth.

– Bem, ela *era* sua avó – declarou a governanta. – Já fizemos muito rodeio em torno desse assunto. É um crime a forma como Rosamund e Posy são tratadas como filhas da casa, enquanto você, a verdadeira parente de sangue do conde, precisa limpar e servir como uma criada!

As três arrumadeiras assentiram com a cabeça, concordando.

– Apenas uma vez – prosseguiu a Sra. Gibbons –, apenas por uma noite, *você* será a bela do baile.

Com um sorriso, ela virou Sophie devagar até que a jovem ficasse de frente para o espelho.

Ela prendeu a respiração.

– Essa sou eu?

A Sra. Gibbons assentiu, com os olhos brilhantes.

– Você está linda, querida – murmurou ela.

Sophie levou as mãos lentamente aos cabelos.

– Não estrague o penteado! – gritou uma das criadas.

– Não vou estragar o penteado – prometeu Sophie, com o sorriso estremeando um pouco enquanto tentava conter as lágrimas.

Uma das mulheres havia borrifado um toque de pó brilhante em seus cabelos, de modo que ela cintilava como uma princesa de conto de fadas. Seus cachos louro-escuros estavam presos num coque frouxo no alto da cabeça, com uma mecha grossa caindo pelo pescoço. E os olhos, em geral verde-musgo, brilhavam como esmeraldas.

Embora Sophie suspeitasse que isso pudesse ter mais a ver com as lágrimas represadas do que com qualquer outra coisa.

– Aqui está sua máscara – falou a Sra. Gibbons. Era uma meia máscara, com fitas para serem amarradas atrás da cabeça, evitando que Sophie precisasse usar as mãos para segurá-la. – Agora só precisamos de sapatos.

A jovem olhou com tristeza para seus robustos e feios sapatos de trabalho, jogados em um canto.

– Infelizmente, não tenho nada adequado para algo tão refinado.

A arrumadeira que havia pintado os lábios de Sophie mostrou-lhe um par de sapatos brancos.

– Do armário de Rosamund – explicou.

Sophie calçou um e, com a mesma rapidez, o tirou.

– É grande demais – falou, olhando para a Sra. Gibbons. – Nunca conseguirei caminhar com eles.

A governanta se virou para a criada.

– Pegue um par do armário de Posy.

– Os dela são ainda maiores – afirmou Sophie. – Eu sei. Já tirei muitas manchas deles.

A Sra. Gibbons deu um longo suspiro.

– Então não temos alternativa. Precisaremos atacar a coleção de Araminta.

Sophie estremeceu. A ideia de ir a qualquer lugar usando os sapatos de Araminta era assustadora. Mas era isso ou ir descalça, e ela não achava que isso seria aceitável num sofisticado baile de máscaras londrino.

Alguns minutos depois, a criada voltou com um par de sapatos de cetim branco, costurados com linha prateada e adornados com delicadas rosetas confeccionadas em uma imitação de diamante.

Sophie ainda estava apreensiva em relação a usá-los, mas decidiu experimentá-los assim mesmo. Serviram perfeitamente.

– E combinam com a roupa também – comentou uma das criadas, apontando para a costura prateada. – Parece que foram feitos para o vestido.

– Não temos tempo para ficar admirando sapatos – atalhou a Sra. Gibbons de repente. – Agora, ouça estas instruções com muita atenção. O cocheiro já deixou a condessa e as filhas e vai levar você à Casa Bridgerton. Mas ele precisará estar esperando do lado de fora para quando elas quiserem voltar. Isso significa que você terá que sair à meia-noite, nem um segundo mais tarde. Entendeu?

Sophie assentiu e olhou para o relógio na parede. Passava um pouco das nove, o que lhe daria mais de duas horas no baile.

– Obrigada – sussurrou ela. – Muito obrigada.

A Sra. Gibbons secou os olhos com um lenço.

– Divirta-se muito, querida. É toda a gratidão de que preciso.

Sophie fitou o relógio mais uma vez. Duas horas.

Duas horas que ela teria que fazer durar uma vida inteira.

CAPÍTULO 2

Os Bridgertons são de fato uma família singular. Com certeza não há em Londres quem não saiba que todos eles são impressionantemente parecidos, ou que foram batizados em ordem alfabética: Anthony, Benedict, Colin, Daphne, Eloise, Francesca, Gregory e Hyacinth.

Isso faz com que se imagine como o falecido visconde e a (ainda muito viva) nobre viscondessa viúva teriam batizado o filho seguinte, se tivessem tido o bebê número nove. Imogen? Inigo?

Talvez tenha sido melhor pararem no oitavo.

CRÔNICAS DA SOCIEDADE DE LADY WHISTLEDOWN,
2 DE JUNHO DE 1815

Benedict Bridgerton era o segundo de oito filhos, mas eles às vezes pareciam cem.

A festa que sua mãe insistira em oferecer era um baile de máscaras, e Benedict havia obedientemente colocado uma meia máscara preta, mas todo mundo sabia quem ele era. Ou melhor, *quase* sabia.

– Um Bridgerton! – exclamavam as pessoas, batendo palmas com alegria.

– Você deve ser um Bridgerton!

– Um Bridgerton! Posso reconhecer um de vocês em qualquer lugar.

Benedict era um Bridgerton, e, embora não houvesse outra família a que quisesse pertencer, às vezes desejava ser considerado um pouco menos Bridgerton e um pouco mais ele mesmo.

Nesse instante, uma mulher de idade indeterminada vestida de pastora se aproximou.

– Um Bridgerton! – trinou ela. – Eu reconheceria esses cabelos castanhos em qualquer lugar. Qual deles você é? Não, não diga. Deixe-me adivinhar.

Não é o visconde, porque acabei de vê-lo. Deve ser o número dois ou o número três.

Benedict olhou para ela com frieza.

– Qual dos dois? O número dois ou três? – insistiu a pastora.

– Dois – disparou ele.

Ela bateu palmas.

– Foi o que pensei! Ah, preciso encontrar Portia. Eu disse a ela que você era o número dois...

Benedict quase rosnou.

– ... mas ela falou que não, que era o mais jovem, porém eu...

Ele precisava sair dali. Ou isso ou acabaria matando a tagarela, e com tantas testemunhas, achava que não conseguiria se safar.

– Se puder me dar licença – disse ele com delicadeza –, estou vendo alguém com quem preciso falar.

Era mentira, mas Benedict não se importou muito. Deu um breve aceno de cabeça para a pastora solteirona e traçou uma reta até a porta lateral do salão, ávido por fugir da aglomeração e se enfiar no escritório do irmão, onde poderia ter um pouco de paz e tranquilidade, e quem sabe um bom copo de conhaque.

– Benedict!

Droga. Quase havia conseguido escapar. Levantou o olhar e viu a mãe correndo em sua direção. Ela usava uma espécie de fantasia elisabetana. Ele imaginou que era algum personagem de uma das peças de Shakespeare, mas não conseguiu descobrir qual.

– O que posso fazer pela senhora, mamãe? – perguntou. – E não diga “dançar com Hermione Smythe-Smith”. Da última vez, eu quase perdi três dedos do pé fazendo isso.

– Eu não ia pedir nada do tipo – respondeu Violet. – Só ia dizer que gostaria que você dançasse com Prudence Featherington.

– Tenha piedade, mamãe – gemeu ele. – Ela é ainda pior.

– Não quero que você se case com a moça – falou ela. – Só que lhe conceda uma dança.

Benedict lutou contra um gemido. Prudence Featherington, embora fosse uma boa pessoa, tinha o cérebro do tamanho de uma ervilha e uma risada tão irritante que ele já testemunhara homens feitos saírem correndo com as mãos nos ouvidos.

– Vamos fazer o seguinte – sugeriu ele. – Eu danço com Penelope Featherington se a senhora mantiver Prudence a distância.

– Combinado – retrucou Violet com um aceno de cabeça de satisfação, deixando Benedict com a sensação de que ela queria que ele dançasse com Penelope desde o começo.

– Ela está perto da mesa das bebidas – informou sua mãe. – Vestida de duende, pobrezinha. A cor fica bem nela, mas alguém precisa ir com a mãe dela às compras da próxima vez. Não consigo pensar numa fantasia pior.

– Pelo jeito, a senhora ainda não viu a sereia – murmurou Benedict.

Ela lhe deu um tapa no braço.

– Nada de fazer piada com as convidadas.

– Mas elas facilitam tanto...

Violet lhe lançou um olhar de advertência antes de dizer:

– Vou procurar sua irmã.

– Qual delas?

– Uma das que ainda estão solteiras – retrucou Violet com animação. – O visconde de Guelph pode estar interessado naquela menina escocesa, mas eles ainda não assumiram compromisso.

Mentalmente, Benedict desejou sorte a Guelph. O coitado iria precisar.

– E obrigada por dançar com Penelope – concluiu Violet de maneira enfática.

Ele ofereceu à mãe um meio sorriso irônico. Os dois sabiam que ela dissera isso como um lembrete, não um agradecimento.

Com os braços cruzados numa postura meio hostil, observou Violet se afastar antes de respirar fundo e se virar para seguir até a mesa das bebidas. Ele adorava a mãe, mas ela tinha o costume de se intrometer na vida social dos filhos. E, se havia algo que a incomodava ainda mais do que o status de solteiro de Benedict, era a visão do rosto triste de uma jovem quando ninguém a tirava para dançar. Como resultado disso, Benedict passava muito tempo na pista do salão de baile, às vezes com moças com quem ela queria que ele se casasse, porém mais frequentemente com as que estavam sempre tomando chá de cadeira.

Dentre as duas situações, ele preferia as do segundo tipo. As moças mais populares tendem a não ter nada na cabeça e, para ser sincero, são um pouquinho maçantes.

Violet sempre tivera um carinho especial por Penelope Featherington, que estava em sua... Benedict franziu a testa. *Terceira* temporada? Devia ser a terceira. E sem perspectiva de casamento à vista. Ora, ele podia muito bem cumprir com seu dever. Penelope era uma jovem bastante agradável, com bom humor e personalidade. Algum dia, encontraria um marido. Não seria *ele*, é claro, e, com toda a honestidade, era provável que não fosse ninguém que ele conhecia, mas ela com certeza acharia *alguém*.

Com um suspiro, Benedict começou a caminhar na direção da mesa de bebidas. Já podia praticamente sentir o gosto do conhaque, suave e agradável, mas imaginou que um copo de limonada seria o suficiente por ora.

– Srta. Featherington! – chamou ele, tentando não estremecer quando três jovens se viraram. Deu um sorriso que em sua opinião deve ter sido o pior do mundo e acrescentou: – Hã, Penelope, eu quis dizer.

A cerca de 3 metros de distância, Penelope olhou radiante para ele, e Benedict se lembrou de que gostava de fato dela. Na verdade, ela não seria considerada tão repelente se não estivesse sempre grudada às infelizes irmãs, que podiam fazer com que um homem desejasse ser mandado para a Austrália.

Ele já quase havia chegado até ela quando ouviu uma onda de sussurros cruzar o salão atrás de si. Sabia que precisava ir em frente e iniciar logo aquela dança obrigatória, mas a curiosidade foi mais forte e ele se virou. Nesse momento, viu uma mulher que devia ser a mais espetacular de todas em que já pousara os olhos.

Ele não saberia nem dizer se ela era bonita. Os cabelos eram de um louro escuro bastante comum e, com a máscara presa em torno da cabeça, não era possível ver nem sequer metade do seu rosto.

Mas havia algo naquela mulher que o deixou hipnotizado. Era o sorriso dela, o formato dos olhos, a forma como se portava e olhava ao redor do salão de baile como se nunca tivesse visto nada mais glorioso do que os tolos membros da sociedade vestindo fantasias ridículas.

A beleza dela vinha de dentro.

Ela brilhava. Cintilava.

Era absolutamente radiante, e Benedict de repente se deu conta de que era porque parecia... *feliz*. Feliz por estar onde estava, feliz por ser *quem* era.

Feliz de uma forma que Benedict não conseguia se lembrar de ter sido. Ele tinha uma vida boa, talvez até mesmo ótima. Tinha sete irmãos maravilhosos, uma mãe amorosa e um monte de amigos. Mas aquela mulher...

Ela sabia o que era alegria.

E Benedict precisava conhecê-la.

Deixou Penelope para lá e atravessou a multidão até estar a poucos passos dela. Três outros cavalheiros a haviam alcançado primeiro e agora a cobriam de elogios. Benedict a observou com interesse. Ela não reagia como qualquer mulher que ele conhecia poderia reagir.

A jovem não fingiu modéstia. Também não agiu como se já estivesse esperando os elogios. Não era tímida nem dava risadinhas nervosas, ou maliciosas, ou irônicas, ou qualquer das coisas que se esperaria de um ser do sexo feminino.

Ela apenas sorria. Brilhava, na verdade. Benedict imaginou que elogios fossem capazes de oferecer certa satisfação a quem os recebia, mas ele nunca vira alguém reagir com tamanha alegria – com um sentimento puro e absoluto.

Deu um passo para a frente. Queria aquela alegria para si.

– Com licença, senhores, mas a dama já tinha prometido esta dança a mim – mentiu.

As fendas para os olhos da máscara eram um pouco grandes – ele a viu arregalar os olhos e então um traço de divertimento os perpassou. Benedict estendeu a mão para ela, em um desafio velado de que a jovem o desmentisse.

Mas ela apenas ofereceu-lhe um sorriso amplo e radiante que o atingiu em cheio no coração. Pôs a mão na dele, e só então Benedict se deu conta de que estava prendendo a respiração.

– Tem permissão de dançar a valsa? – murmurou ele, quando chegaram à pista de dança.

Ela balançou a cabeça.

– Eu não danço.

– Está brincando comigo.

– Gostaria de estar, mas a verdade é que... – ela se inclinou para a frente com um vislumbre de sorriso – eu simplesmente não sei dançar.

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "Os Bridgertons 3 - Um perfeito cavalhe..."
e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).